



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

GUIMARÃES ANTIGA

UMA RÉCITA DE GALA NO

“TEATRO DE D. AFONSO HENRIQUES”

Nesse tempo, — tempo abençoado de ordem, de paz e de sossêgo! —, José Martins de Queirós (Minotes), o exímio cavaleiro que todo o país conheceu e cuja fama de intrepidez, distinção e bravura se estendeu mesmo para além das fronteiras da terra portuguesa, lembrou-se um dia de organizar um espectáculo em benefício da corporação dos “Bombeiros Voluntários de Guimarães”, fundada, pouco tempo antes, por sua iniciativa, com o poderoso auxílio do nosso ilustre conterrâneo e querido amigo o Sr. António Augusto da Silva Carneiro, também distintíssimo cavaleiro na sua juventude, tendo como colaboradores, decididos e entusiastas, seus irmãos António e Guálter Martins da Costa, meu Pai o Dr. Avelino Germano da Costa Freitas, que até à morte foi médico, sócio honorário e um dos mais devotados amigos da benemérita corporação, o Barão de Pombeiro de Riba-Vizela, Paulo de Melo Sampaio, e ainda, se bem me recordo, António Augusto da Silva Caldas e o Sr. P.^e Abílio Augusto de Passos, actualmente digno presidente da prestimosa colectividade.

Assim e conforme o seu costume, se melhor o pensou, melhor o fez.

Dali a tempos o Teatro de D. Afonso Henriques, tendo a platea transformada em vistoso e elegante circo, enchia-se uma noite por completo com o escol das famílias da nossa terra, delicias com uma récita de

gala a que nem faltaram poesias, flores e discursos, — afirmações de amizade, afirmações de fé e afirmações de patriotismo —, récita ainda hoje duplamente memorável pelo alto fim a que se destinava e pelas pessoas que na mesma tomaram parte.

Recorda-nos ainda de Gaspar Tomás Peixoto de Bourbon (Lindoso), de Guálter e Luís Martins da Costa (Minotes) e de José Carlos Duarte Machado de Magalhães Ferraz (S.^{ta} Luzia), correctíssimos nas barras fixas e em outros exercícios gymnásticos executados primorosamente e do último número do programa, — impresso a azul e ouro —, e que era constituído pela apresentação dos cavalos de José Minotes, — “Dragão”, “Beldemónio” e “Kael” —, em trabalhos de alta escala, — êste, sem dúvida, o número mais ansiosamente esperado do elegante e inesquecido espectáculo.

Foi positivamente uma noite de festa, de entusiasmo e de alegria, à qual, ricos e pobres, todos se associaram com igual satisfação e igual prazer, ficando a constituir, pelos tempos fora, uma das páginas mais brilhantes da história do nosso primeiro teatro.

Muitos dias antes, já os principais costureiros e as mais conhecidas modistas de Guimarães e do Porto, — o Pita, o João da Cruz, a Duque, a Vilete, a Frae-lick —, se entregavam com afan ao arranjo e confecção, — dê por onde der, custe o que custar —, dos fatos e das *toilettes* que aí deviam exhibir-se, valiosas e formosíssimas, dizia-se, expectativa que não foi iludida, visto que, nessa noite, as damas da nossa terra reuniram mais uma vez, à beleza, elegância e bom-gosto dos seus vestidos, das suas jóias e dos seus enfeites, os atractivos dos seus sorrisos, das suas graças e de todos os seus encantos pessoais.

Assim, desde a decoração do próprio teatro, onde milhares de lumes davam aspecto feérico ao palco, salões, frisas, escadas, camarotes e galérias, até às últimas filas da geral e das torrinhas, actores, espectadores e *mise-en-scène*, tudo se congregou para que o espectáculo revestisse desusado brilhantismo; e que êste se conseguiu em absoluto, atestam-no os jornais da época e a lembrança, que ainda hoje perdura no espírito daqueles que, embora crianças, a ela puderam assistir.

Chegou finalmente o número em que José Mino-

tes, — Petrónio das elegâncias vimaranenses —, devia fazer sobressaír os seus altos dotes de cavaleiro emérito; são trazidos sucessivamente para a arena os seus três cavalos, — amestrados e favoritos. Os dois primeiros obedecem, embora a custo, a tôdas as indicações do dono, que no meio do circo se conserva elegante e correctíssimo, dirigindo-os de chicote em punho.

Cabe depois a vez ao «Kael» e quando José Minotes, esgotados já o seu bom humor e a sua paciência, desiste de obter do nobre animal a sorte que lhe exige, volta-se então para os espectadores e diz-lhes sorridente, mas visivelmente arreliado e contrafeito:

— «*Com brutos é impossível lutar!*»

Depois, êle próprio, executa a sorte a que o cavalo se negou, fazendo aparecer a tremular num alto e florido poste colocado a meio do circo, duas bandeiras brancas onde se lia, em caracteres encarnados: «*Viva a nova corporação dos Bombeiros Voluntários!*» «*Viva a cidade de Guimarães!*»

E' impossível descrever o entusiasmo dêste momento. Todos os espectadores, homens e senhoras, se erguem como impelidos por mola oculta, aclamam o promotor da festa, cobrem-no de palmas e de flores; como outrora aos vitoriosos gladiadores romanos, juncam-lhe o chão de coroas, ramos e *bouquets* caíndo a esmo; um bando de pombas brancas de neve atravessa assustadamente o espaço; mas o entusiasmo chega ao apogeu, vai até ao delírio, toma as proporções de apoteose, quando José Minotes, figura inconfundível de cavaleiro e de fidalgo, ao agradecer, de pé em pleno circo, a carinhosa e espontânea manifestação dos seus conterrâneos, agita o chapéu e repete trémulo de comoção, num ardoroso e fêrvido arranque, com tôda a fôrça dos seus pulmões, com tôda a sinceridade da sua alma, com todo o entusiasmo do seu coração de vimaranense e de patriota, — nos lábios um sorriso, nos olhos uma lágrima e um clarão! —:

Viva Guimarães!